

# INTRODUÇÃO À CRÍTICA DA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL

por Karl Marx

© Slides: Prof. Renato Fialho Jr.

## A crítica da religião como pressuposto de toda crítica

- Na Alemanha, a crítica da religião está, no essencial, terminada; e a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica.
- A existência profana do erro está comprometida, depois que sua *celestial oratio pro aris et focis* ("oração pelos nossos altares e lares") foi refutada. O homem, que na realidade fantástica do céu, onde procurava um super-homem, **encontrou apenas o reflexo de si mesmo**, já não será tentado a encontrar apenas a *aparência* de si, o inumano, **lá onde procura e tem de procurar sua autêntica realidade**.

## O homem faz a religião, e não o contrário

- Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem faz a religião, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o homem não é um ser abstrato, acororado fora do mundo: o homem é o mundo do homem, o estado, a sociedade. Esse estado e essa sociedade produzem a religião, uma *consciência invertida do mundo*, porque eles são um mundo invertido.

## A religião é realização fantástica da essência humana

- A religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, seu *point d'honneur* (ponto de honra) **espiritualista**, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e de justificação.
- Ela é a realização fantástica da essência humana, **porque a essência humana não possui uma realidade verdadeira**. Por conseguinte, a luta contra a religião é, indiretamente, contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião.

A religião é o suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração: é o ópio do povo!

- A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. **A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. A religião é o ópio do povo.**



Se a religião é felicidade ilusória, que tal substituí-la pela felicidade real?



FONTE: freepik.es

- A supressão [*Aufhebung*] da religião como felicidade *ilusória* do povo é a exigência da sua felicidade *real*. **A exigência de que abandonem as ilusões acerca de uma condição é a exigência de que abandonem uma condição que necessita de ilusões.**
- A crítica da religião é, pois, em germe, a crítica do vale de lágrimas, cuja *auréola* é a religião.

## Retirando as flores imaginárias que encobrem os grilhões

- A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem suporte grilhões desprovidos de fantasias ou consolo, mas para que se desvencilhe deles e a flor viva desabroche.
- A crítica da religião desengana o homem a fim de que ele pense, aja, configure a sua realidade como um homem desenganado, que chegou à razão, a fim de que ele gire em torno de si mesmo, em torno de seu verdadeiro sol. **A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não gira em torno de si mesmo.**

## O papel da história e da filosofia no desmascarar de toda forma de autoalienação

- Portanto, a tarefa da história, depois de desaparecido o além da verdade, é estabelecer a verdade do aquém.
- A tarefa imediata da filosofia (que está a serviço da história) é, **depois de desmascarada a forma sagrada da autoalienação [Selbstentfremdung] humana, desmascarar a autoalienação nas suas formas não sagradas.**
- A crítica do céu transforma-se, assim, na crítica da terra, **a crítica da religião, na crítica do direito,** a crítica da teologia, na crítica da política.

## A Alemanha ainda vivia presa ao aroma da religião feudal

- (...) Mas declaremos guerra à situação alemã! Sem dúvida! **Ela está abaixo do nível da história, abaixo de toda a crítica;** não obstante, continua a ser um objeto da crítica, assim como o criminoso, que está abaixo do nível da humanidade, continua a ser um objeto do carrasco.
- Em luta contra ela, **a crítica não é uma paixão da cabeça, mas a cabeça da paixão.** Não é um bisturi, mas **uma arma.** Seu objeto é seu inimigo, que ela quer não refutar, mas destruir. Pois o espírito de tal situação já está refutado. Ela não constitui, em si e para si, um objeto memorável, mas sim uma existência tão desprezível como desprezada.
- A crítica para si não necessita de ulterior elucidação desse objeto, porque já o compreendeu. **Ela não se apresenta** mais como fim em si, mas apenas **como meio.** Seu pathos (= caminho) essencial é a indignação, seu trabalho essencial, a denúncia.

## A arma da crítica não substitui a crítica da arma (=da revolução)

- (...) A arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas.
- A teoria é capaz de se apoderar das massas tão logo demonstra *ad hominem*, e demonstra *ad hominem* tão logo se torna radical. Ser radical é agarrar a coisa pela raiz.

## A crítica da religião tem um imperativo categórico: subverter o vale de lágrimas

- Mas a raiz, para o homem, é o próprio homem. A prova evidente do radicalismo da teoria alemã, portanto, de sua energia prática, é o fato de ela partir da superação positiva da religião.
- A crítica da religião tem seu fim com a doutrina de que o homem é o ser supremo para o homem, portanto, com o imperativo categórico de subverter todas as relações em que o homem é um ser humilhado, escravizado, abandonado, desprezível. Relações que não podem ser mais bem retratadas do que pela exclamação de um francês acerca de um projeto de imposto sobre cães: “Pobres cães! Querem vos tratar como homens!”.

## O passado revolucionário da Alemanha

- Mesmo historicamente, a emancipação teórica possui uma importância especificamente prática para a Alemanha. O passado *revolucionário* da Alemanha é teórico – é a **Reforma**. Assim como outrora a revolução começou no cérebro de um monge, agora ela começa no cérebro do filósofo.
- Sem dúvida, Lutero venceu a servidão por devoção porque pôs no seu lugar a servidão por convicção. Quebrou a fé na autoridade porque restaurou a autoridade da fé. Transformou os padres em leigos, transformando os leigos em padres. Libertou o homem da religiosidade exterior, fazendo da religiosidade o homem interior. Libertou o corpo dos grilhões, prendendo com grilhões o coração.



## A dificuldade alemã de fazer a revolução

- (...) Entretanto, a uma revolução radical alemã parece ser colocada uma dificuldade fundamental.
- As revoluções precisam de um elemento passivo, de uma base material. A teoria só é efetivada num povo na medida em que é a efetivação de suas necessidades.
- (...) O sonho utópico da Alemanha não é a revolução radical, a emancipação humana universal, mas a revolução parcial, meramente política, a revolução que deixa de pé os pilares do edifício.

## A revolução parcial (meramente política) alemã

- Em que se baseia uma revolução parcial, meramente política? No fato de que uma parte da sociedade civil se emancipa e alcança o domínio universal; **que uma determinada classe, a partir da sua situação particular, realiza a emancipação universal da sociedade.**
- Tal classe liberta a sociedade inteira, mas apenas sob o pressuposto de que toda a sociedade se encontre na situação de sua classe, portanto, por exemplo, de que ela possua ou possa facilmente adquirir dinheiro e cultura.

## Só em nome dos interesses universais da sociedade é que uma classe particular pode reivindicar o domínio universal

- Nenhuma classe da sociedade civil pode desempenhar esse papel sem despertar, em si e nas massas, um momento de entusiasmo em que ela se confraternize e misture com a sociedade em geral, confunda-se com ela, seja sentida e reconhecida como sua representante universal; **um momento em que suas exigências e direitos sejam, na verdade, exigências e direitos da sociedade, em que ela seja efetivamente o cérebro e o coração sociais.**
- Só em nome dos interesses universais da sociedade é que uma classe particular pode reivindicar o domínio universal.

## E os defeitos da sociedade sejam concentrados numa outra classe

- Para alcançar essa posição emancipatória e, com isso, a exploração política de todas as esferas da sociedade no interesse de sua própria esfera, não bastam energia revolucionária e autossentimento [Selbstgefühl] espiritual.
- Para que a revolução de um povo e a emancipação de uma classe particular da sociedade civil coincidam, para que um estamento [Stand] se afirme como um estamento de toda a sociedade, **é necessário que, inversamente, todos os defeitos da sociedade sejam concentrados numa outra classe, que um determinado estamento seja o do escândalo universal,** a incorporação das barreiras universais; é necessário que uma esfera social particular se afirme como o crime notório de toda a sociedade, de modo que a libertação dessa esfera apareça como uma autolibertação universal.

## Que esta classe seja o estamento inequívoco da opressão

- Para que *um* estamento seja *par excellence* o estamento da libertação é necessário, inversamente, que um outro estamento seja o estamento inequívoco da opressão. **O significado negativo-universal da nobreza e do clero francês condicionou o significado positivo-universal da classe *burguesa*, que se situava imediatamente ao lado deles e os confrontava.**



## Na Alemanha falta um estamento revolucionário

- Na Alemanha, porém, faltam a todas as classes particulares não apenas a consistência, a penetração, a coragem e a intransigência que delas fariam o representante negativo da sociedade. **A todos os estamentos faltam, ainda, aquela grandeza de alma que, mesmo que por um momento apenas, identifica-se com a alma popular,** aquela genialidade que anima a força material a tornar-se poder político, aquela audácia revolucionária que lança ao adversário a frase desafiadora: *não sou nada e teria de ser tudo.* (...)

## Onde se encontra, então, a possibilidade *positiva* de emancipação alemã?

- Eis a nossa resposta: na formação de uma classe com *grilhões radicais*, de uma classe da sociedade civil que não seja uma classe da sociedade civil, de um estamento que seja a dissolução de todos os estamentos, de uma esfera que possua um caráter universal mediante seus sofrimentos universais e que não reivindique nenhum *direito particular* (porque contra ela não se comete uma *injustiça particular*), mas a injustiça por excelência, que já não possa exigir um título histórico, mas apenas o título humano,

## Onde se encontra, então, a possibilidade *positiva* de emancipação alemã?

- que não se encontre numa oposição unilateral às consequências, mas numa oposição abrangente aos pressupostos do sistema político alemão; uma esfera, por fim, que não pode se emancipar sem se emancipar de todas as outras esferas da sociedade e, com isso, sem emancipar todas essas esferas – uma esfera que é, numa palavra, a *perda total* da humanidade e que, portanto, só pode ganhar a si mesma por um *reganho total* do homem. Tal dissolução da sociedade, como um estamento particular, é o proletariado.

## Façamos um resumo dos resultados (1):

- A única libertação *praticamente* possível da Alemanha é a libertação do ponto de vista *da teoria* que declara o homem como o ser supremo do homem.
- Na Alemanha, a emancipação da *Idade Média* só é possível se realizada simultaneamente com a emancipação das *superações parciais* da idade Média.
- Na Alemanha, *nenhum* tipo de servidão é destruído sem que se destrua *todo* tipo de servidão.

## Façamos um resumo dos resultados (2):

- A *profunda* Alemanha não pode revolucionar sem revolucionar *desde os fundamentos*.
- A *emancipação do alemão* é a *emancipação do homem*.
- A *cabeça* dessa emancipação é a *filosofia*, o *proletariado* é seu coração.
- A filosofia não pode se efetivar sem a *suprassunção* [*Aufhebung*] do proletariado, o proletariado não pode se *suprassumir* sem a *efetivação* da filosofia.
- Quando estiverem realizadas todas as condições internas, o *dia da ressurreição alemã* será anunciado pelo *canto do galo gaulês*. ( **1739** )